



Artur Pastor
[Nazaré]
[década de 1950]
Coleção de família

De Artur Pastor herdei o nome e a vontade de capturar o mundo através da retina da máquina fotográfica. Desde muito novo que foi impossível resistir ao fascínio de um visor que magicamente enquadrava tudo o que o olhar alcançava. Esticava-me na ponta dos pés para poder espreitar para aquele quadrado de imagem contida num vidro. Nas viagens que fazíamos pelo país, lembro-me ainda do mestre que ensinava o nome das plantas que deslizavam ao lado da estrada como imagens de um livro desfolhado. As deslocações, à exceção das férias grandes passadas no Algarve ou da semana da Páscoa em Braga, tinham sempre um propósito fotográfico, fosse ele as clássicas amendoeiras em flor, qualquer procissão, feira ou romaria, ou tão somente descobrir novas terras e motivos para registar.

Com o avançar da idade, fui percebendo que cada disparo da máquina ficava suspenso de fatores tão intrínsecos à fotografia como a luz e a magia das nuvens. Para Artur Pastor, o tempo de espera das melhores condições de luz não contava como para o comum dos mortais, era apenas uma fração de segundo que faria a fotografia merecedora de ser impressionada na película. O sol deveria brilhar os trezentos e sessenta e cinco dias do ano, pois qualquer momento só era digno de ser registado se houvesse luz, sombra, enfim,

contraste para acentuar as formas. O mundo era como um estúdio sem projetores e havia que procurar sempre a hora do dia com a melhor iluminação para fotografar, nem que para isso tivesse de se deslocar várias vezes ao mesmo local. Mas também, como num estúdio, nada podia perturbar a fotogenia do momento e qualquer elemento indesejável teria de ser removido. No nosso léxico ficaram impressas para sempre frases como “hoje está uma luz bonita” ou “as nuvens estão boas para a fotografia”.

Artur Pastor era incansável na procura da imagem que pretendia e não havia distância que não vencesse ou altura que não superasse. A fotografia foi sempre um chamamento que orientou a sua vida. Todos os dias tinha que trabalhar em fotografia. Se não saía para a rua com a máquina ao ombro ocupava-se com outras tarefas como arquivar, retocar ou deslocar-se ao laboratório para acompanhar os trabalhos. Não há memória de um dia longe da atividade fotográfica e teve a felicidade de a ter praticado até aos seus últimos momentos de vida.

Com o passar dos anos, as fotografias foram invadindo todos os recantos e, numa casa que a princípio parecia grande, pouco espaço sobrava para outros elementos. Nos roupeiros, a roupa lutava com as fotografias e, no quarto dito de arrumações, empilhavam-

se pacotes de fotografia primorosamente embalados. Comprava incessantemente móveis para arquivar fotografias e algumas divisões da casa pareciam exigir a perícia de uma gincana para serem atravessadas. Dava gosto abrir os armários e ver a forma meticulosa como tudo estava arrumado. A vida de Artur Pastor era pautada pelo perfeccionismo, não só na fotografia como em outras tarefas. Recordo as viagens das férias grandes em que elaborava longas listas com tudo o que iria ser embalado ou metido na bagageira do carro e mais ninguém conseguiria rentabilizar os milímetros quadrados de cada espaço como Artur Pastor.

Quando estava sozinho em casa, o meu passatempo preferido era bisbilhotar as fotografias, mas, no fim, sabia que deveria deixar os objetos da minha curiosidade milimetricamente colocados no sítio, pois tudo tinha o seu lugar predestinado. Essas incursões eram uma permanente viagem a um país a preto e branco cheio de luz e vida.

Para Artur Pastor a fotografia era uma partilha permanente, pois sempre quis saber a nossa opinião, especialmente quando as provas vinham do laboratório. Essa partilha também passava pelo facto de gostar de estar acompanhado quando fotografava e não dispensava a presença de minha mãe, modelo de muitos dos seus trabalhos. Mais tarde, quando lhe mostrava o resultado das incursões fotográficas, chamava-a para ver “as fotografias que tinham feito”, como costumava dizer. Outro cerimonial que

recordo era o da limpeza diária das máquinas e que não dispensava o engraxar dos estojos de cabedal que reluziam. Todo o material parecia ter acabado de sair da loja, apesar de ter uma utilização já bem longa.

Artur Pastor começou a sua vida artística “furando” por todos os lados. Desde muito novo que batia a todas as portas que se pudessem abrir para receber os seus préstimos fotográficos. Enviava propostas para entidades oficiais ou particulares, incluindo câmaras municipais e regiões de turismo, assim como para revistas nacionais e estrangeiras. Numa época em que a concorrência não era tão feroz, granjeou reconhecimento e posicionou-se entre os mais prestigiados fotógrafos.

Artur Pastor tinha muitos sonhos que não conseguiu realizar e que passavam pela execução de livros sobre várias cidades e províncias de Portugal, incluindo um livro sobre o Portugal agrícola com fotografias exclusivamente a preto e branco. Dedicava longas horas a fazer maquetas dos livros e a escrever textos para os mesmos, trabalho que sempre considerei ser merecedor de publicação.

Artur Pastor que ficou imortalizado entre os seus pares como “o domador da rolleiflex” ou “o poeta da fotografia”, deixou um legado de que a família se orgulha de poder partilhar nesta exposição tão primorosamente realizada e acarinhada pelo Arquivo Fotográfico Municipal da Câmara de Lisboa. A família, ao ceder o espólio de

Artur Pastor, sabia que podia confiar no trabalho de profissionais e amigos e que era a forma mais honrosa de poder divulgar uma vida de valores.

É uma homenagem justa à memória de um grande pai e artista que viveu para tão singularmente captar o seu país em imagens.